

A FARSA DE **INÊS PEREIRA**

POR **Pedro Penim** A PARTIR DE GIL VICENTE

D.M^{II}

TEATRO
NACIONAL
D. MARIA II

BICHODOMATO

NOTA PRÉVIA

A Farsa de Inês Pereira

é um texto de Pedro Penim a partir de *Farsa de Inês Pereira*, de Gil Vicente, incluindo citações de outras peças do mesmo autor, nomeadamente *Comédia de Rubena*, *Quem Tem Farelos?*, *Auto da Sibila Cassandra*, *Auto de Mofina Mendes*, *Auto do Triunfo do Inverno* e *Auto da Barca do Inferno*, assinaladas no texto utilizando um tipo de letra diferente.

O sinal / indica interrupção nesse mesmo sítio pela deiza seguinte.

PRÓLOGO

A ação passa-se em 1523 e a personagem Inês Pereira, que é uma baddie¹, está deitada na sua cama, de onde só uma vez sairá. Está também em cena a sua mãe, Violante Pereira, uma mulher de trabalho, que está a falar diretamente com o público.

VIOLANTE He dia primeiro d’maio!
Hüa data tão exultante
Que quase me abstraeo
Da tristeza excruciante
Desta época que vivemos,
Esta «antologia dos demos»². (*Som de vidro a partir.*)

Assi, hoje, arrancaria
(Quand’inda se permitia!)
Hüa grande festividade
A dita Festa das Maias³,
Em louvor à fertilidade. (*Mudando de tom.*)

Mas tudo isto he passado.
He o festejar interdito.
Anda à solta o mao fado
E hum espírito maldito... (*Como se reagisse à interpelação de algum espetador.*)

¹ Uma rapariga que não atura merdas de ninguém.

² «Ai Se a Luzia», canção da Banda do Casaco.

³ Festa de reminiscências pagãs, proibida várias vezes em Portugal ao longo dos tempos.

Meu nome? Violante Pereira,
Trabalhadora, solteira,
Mãe de hũa filha, Inês.
E leixa-me mui doente
Mui moída da moleira
Que nest'anno presente,
Mil quinhentos e vinte e três,
Haja per'i tanto povo,
Em afanoso desalento,
Desde o velho até ao novo,
Passando por mor tormento.

Leixae-me especificar:
Digo o tempo d'incerteza
Que afeta o trabalhar;
A tirania chupista
Da era mercantilista
Por que estamos a passar;
O contexto explorador
Qu'atenta contra os direitos,
De todo o trabalhador;
Esta tristura geral
Co'a situação laboral,
Ânsia que faz sofrida,
Toda a extensão da vida. (*Acalmando-se.*)

Irão perdoar minhas cismas,
Meus lampejos quinhentistas,
Mas quiçá até vós mesmas,
Recetoras futuristas,
Almas do terceiro milénio,

Se estêvão a perguntar,
Via que artes do Demónio,
Viemos nós aqui parar? (*Suspira.*)

Porque a pobreza ordena!
Trabalhar, trabalhar, sem respiro.
Mesmo se a paga he obscena
E o patrão he vampiro.
Sem trabalho não há provento,
Não há haveres nem sustento.

E se porventura t'enfermas
Se t'atinge mal severo,
E t'encontras sem trabalho,
Ninguém te zela pela saúde!
Nem a coroa, nem o clero,
E acabas n'hum frangalho
A caminho do ataúde⁴.

Manas, que inquietação!
Cá dentro inquietação, inquietação.
É só inquietação, inquietação⁵.

Olhando a sisuda atmosfera,
Tão frio, o tempo moderno,
Têmo hum triunfo do inverno
Mesmo em plena primavera. (*Recompondo-se.*)

⁴ Túmulo.

⁵ «Inquietação», canção de José Mário Branco.

Fica esclarecido assi
Perante a presente plateia
O que importa pera mi
Hoje, aqui, nest'assembleia:
Quero falar de trabalho.
E, claro está, sobre a morte.
São cartas do mesmo baralho
E cavalos do mesmo porte. (*Desafiadora.*)

E vós, i, já protestando:
«Pela sua saúde, Violante
Todo o dia trabalhando,
Merecemos melhor sorte.
Trabalho he assunto secante.
Já pera não falar da morte!»

Então viérão ao engano!
Porque se estou eu presente
He pera se falar de luta.
Do tratamento desumano,
Da injustiça absoluta
Da opressão burguesa,
Da distribuição da riqueza,
Dos direitos e deveres,
E da diferença na paga
Entre homens e mulheres.

Estou aqui pera sonhar alto
E pera usar hũa tática
Que eu, pessoalmente, adoro
E que se chama utopia.

Deem comigo esse salto,
Passando da teoria à prática,
Transformando a dor em ouro,
Como se fosse alquimia.

Manas!
Hoje he primeiro de maio.
Já chegou a primavera,
Que traz cheiro a revolução.
Acompanhae-me na quimera,
Roubae hum minuto ao mundo,
Melhor dizendo, hora e meia,
Que he o que dura a função.

E lutemos, trabalhadores:
Que se acabem os calvários
Que o trabalho não asfixie
Ou parte-se esta merda toda!
E quanto a vós, ditadores,
Os patrões e os proprietários:
Hüa estrelinha que vos guie
E hum caralhinho que vos foda.

*Ouve-se um aplauso vindo da lateral, como se viesse da
Direção de Cena, e palavras de apoio ao texto que acabá-
mos de ouvir. Violante olha na direção dos bastidores.*

Então, mas não he?
Rima e he verdade!
Temos de bater o pé,
Qual he a novidade?

Ainda que se ouçam mal as falas da contracena de Violante, percebemos que quem está do lado de fora está também imensamente descontente com a sua própria situação laboral, ponderando até mesmo despedir-se, e partilha com Violante Pereira que esse dissabor é comum a outros trabalhadores ali presentes. Chama até um colega da maquinaria, que por ali anda e que se junta à conversa, avivando uma fogueira que já não ia branda. Violante vai ouvindo e anuindo, acrescentando pareceres da sua lavra, oferecendo o seu apoio, incitando inclusivamente à desobediência, revendo-se nas queixas.

O que está aqui em causa
Não he a gente trabalhar! (*Saindo de cena, a sua voz vai saindo em fade.*)
Trabalhar, temos de trabalhar!
Mas há que fazer uma pausa
Pera pensar e reformar
O poder do empregador.
A situação laboral,
Os direitos do trabalhador,
E, vá, o sistema, em geral...

Música.

CENA 1

Deitada na cama está Inês, posta em desassossego, fumando — um protocigarro do século XVI, obviamente — e murmurando repetidamente a frase «não quero trabalhar», num misto de tormento, desafio e prazer. Esta recorrência vai aumentando de intensidade, até se transformar numa espécie de convulsão piramidal, lembrando algumas «Scream Queens» de Hollywood, nomeadamente alguns dos transes de Sheryl Lee em Twin Peaks, os êxtases de uma Linda Blair n’O Exorcista, ou até mesmo alguns dos papéis de Asia Argento nos filmes do pai.

Em atingindo o auge do seu mantra-transtorno-deleite, Inês Pereira atira objetos pelo ar, guincha e esperneia, rebola-se na cama feita uma lontra embriagada, estrangula os seus bonecos de peluche, chegando a arrancar a cabeça a um deles, um pobre burro a quem já faltava um olho.

Em indo terminando o tanglomanglo, fala Inês num gráfico insólito, que oscila entre o debochativo, o afrontoso e o fleumático.

INÊS NÃO QUERO TRABALHAR, CRL!!!

Arrenego eu do trabalho!

Amaldiçoo o laborar

E o primeiro que o inventou.

Ó diabo he que o dou,

Que tão mao he d’aturar.

I Don’t Dream of Labor [Não sonho com o trabalho]

He assi: meu nome he Inês,
Filha de Violante Pereira
E ao trabalho fechei a torneira.
Temos pena! Só falo hũa vez!

Xô, desampara-m'a loja,
Ó trabalho, muitieramá!
Qu'arrenego eu do trabalho
E da trabalheira que dá!
Rejeito o jugo da labuta,
Da tarefa e do afazer!
E abjuro esta farsa,
Putá
Que pario,
Ofício do Lúçifer! *(Inês morde a almofada para se acalmar.)*

Jesu! JE. ZU.
Jesu?! Qual Jesu!
Jesu, meu cu!
Antes louvores a Belzebu!
Aiê... perdoae o meu francês.
Mas he assi que parla Inês,
Hum linguajar da taberna,
Por influêncía materna. *(Suspira.)*

Ai manas,
Que cegueira e que canseira,
Este perpétuo laborar!
Samicas de caganeira,
NÃO QUERO MAIS TRABALHAR! *(Vendo-se num espelho.)*
Nem a mando de 'nha mãe

Nem à mercê do patrão!
Quero fazer desta invernia
Hum sempiterno verão. (*Tenta animar-se, rindo-se de modo esdrúxulo.*)

Gente! Que estupidez!
Estamos no século XVI!
Mil quinhentos e vinte e três!
E eu aqui aos papéis?

Dã! Inês,
Tu hes moça quinhentista!
Ferrenha abolicionista
Do dever de trabalhar.
Militante do leixa andar,
Do sequer mexer hũa palha.
Não he teu lema basilar
«O ócio a quem trabalha»?! (*Suspira.*)

Sonha acordada, Inês,
C'hum mundo pós-laboral.
Co'fim da herança feudal
E do sistema burguês. (*Esperançosa.*)

Diz a futurologia
E a ficção científica
Qu'a sociedade pós-trabalho,
Hũa realidade magnífica,
Há de imperar hum dia!
Dotando-se os vários ofícios
D'automatização completa.